

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

COLHER VOTIVA LUSITANO-ROMANA? DO MUSEU DE SETÚBAL.

FERREIRA, O. da Veiga; SILVA, C. Tavares da

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga; SILVA, C. Tavares da, Colher votiva lusitano-romana? do Museu de Setúbal. *Revista de Guimarães*, 80 (3-4) Jul.-Dez. 1970, p. 387-390.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Colher votiva lusitano-romana? do Museu de Setúbal

Por O. DA VEIGA FERREIRA
e C. TAVARES DA SILVA

I — *Introdução*

No Museu Municipal de Setúbal, depositada pelo Sr. Pacheco Wengorovius, existe uma antigualha digna do maior apreço. Não se sabe se provém mesmo de Setúbal, ou seu termo, mas podíamos ser levados a pensar que sim, dada a riqueza extraordinária em achados romanos ou lusitano-romanos deste Distrito e, em especial, da própria cidade como temos vindo a relatar nos últimos anos (¹).

II — *Descrição do objecto, comparação e considerações*

O objecto de arte, que trazemos agora a público, é uma colher que nos parece votiva pois o cabo apresenta a ponta terminada em *phallus* e, a partir do

(¹) C. Tavares da Silva, «Necrópole luso-romana de S. Sebastião (Setúbal)», *Actas do IV Colóquio Português de Arqueologia*, Porto, 1956.

— C. Tavares da Silva e M. Gonçalves Cabrita, «Estações romanas da região de Setúbal», *Revista Cetóbriga*, 1-2, Setúbal, 1964.

— C. Tavares da Silva e O. da Veiga Ferreira, «Uma bela jóia romana encontrada em Setúbal», *Estudos Italianos em Portugal*, n.º 32, Lisboa, 1969.

meio até à própria colher ou concha, ostenta uma figura que parece representar um nascimento. A posição da figura, de braços com as pernas estendidas e os braços encolhidos, parece, à primeira vista, representar a saída dum criança (?). É claro que é uma interpretação nossa. Podem outras pessoas ter ideia diferente, já se vê! De qualquer forma é uma linda peça trabalhada em bronze de cor de azeitona.

A colher que, como pensamos, parece ser votiva, deve estar relacionada com o culto fálico e a fecundidade (2), a verificar-se que a figura atrás descrita pertença, de facto, a um nascimento. De qualquer forma a ponta é, nitidamente, um faló.

O culto fálico em Portugal é uma realidade desde, pelo menos, o eneolítico. Veja-se, por exemplo, a escultura fálica das Grutas de Palmela (3) e o exemplar, há anos por nós estudado, proveniente de Santarém, e existente nas colecções do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (4). Também não podemos esquecer os menhires que, na maior parte das vezes, são gigantescos falos como ainda, ultimamente, se observou no Alto Alentejo e na Beira Baixa (5).

Nos últimos tempos, devido a um estudo publicado, foi indicada uma quantidade imensa de falos que a autora considera «bastões» (6). Essas peças fálicas, muito características, são normalmente esculpidas

(2) Este culto já era uma realidade no Paleolítico superior. Veja-se, por exemplo, os falos de argila da gruta de Tuc d'Audoubert. E. O. James, «Mythes et Rites dans le Proche-Orient ancien», Payot, Paris, 1960.

(3) Vera Leisner, G. Zbyszewski et O. da Veiga Ferreira, «Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme», *Mem. Serv. Geol. de Portugal*. N. S. n.º 8, Lisbonne, 1961.

(4) O. da Veiga Ferreira, «Notícia de algumas estações pré-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos», *Bol. Junta Dist. de Lisboa*, n.º LIX-LX, II série, Lisboa, 1963.

(5) J. Pires Gonçalves, «Menires de Monsaraz», Com. apresentada à *Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Secção de Pré-história em Fevereiro de 1969.

D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira, «O monumento n.º 1 da Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha)». Com. apresentada ao *II Congresso Nacional de Arqueologia* em Coimbra, 1970.

(6) M. A. Horta Pereira, «Monumentos históricos do Concelho de Mação», Coimbra, 1970.

em grauvaque e não aparecem em jazidas bem definidas, muito embora algumas tenham aparecido em Castros e estações que vão da Idade do Bronze à Idade do Ferro, demonstrando assim uma sobrevivência ou um aproveitamento de peças usadas já na Pré-história.

Toda a técnica de talhe, polimento e inscultura destas peças revela a arte de trabalho do Eneolítico e estamos certos que os sulcos insculturais foram feitos com instrumentos de pedra e não de metal!

Nas épocas do Ferro e Lusitano-romana o culto fálico continua a ser observado e, a confirmá-lo, temos as esculturas priápicas e ex-votos encontradas em muitas estações romanas. J. Leite de Vasconcelos (7) refere-se ao *fascinum*, que não só significa em latim «quebranto», como também *veretrum* ou *phallus*. Existem muitos amuletos com forma fálica que, em nosso entender, estão ligados ao culto da fecundidade.

No Museu de Arqueologia e Etnologia Doutor Leite de Vasconcelos há vários tipos de falos da época Lusitano-romana, como indica Mestre Leite de Vasconcelos. Assim, pode ver-se ali um *phallus cum testiculis* que provém de Cacela (Algarve) e também um outro, encontrado nas Minas de S. Domingos, do mesmo tipo deste.

No Museu Municipal de Beja encontra-se um *phallus cum testiculis* do mesmo tipo dos atrás citados.

Muitas vezes, na antiguidade, os falos eram gravados nos próprios edifícios. Nós conhecemos uma inscultura, talvez medieva, de um *phallus cum testiculis* e atributo genital feminino encontrado na região egípcia (8).

As reminiscências desse culto antigo ainda hoje se encontram a cada passo. Serve de exemplo o que se passava na romaria do Senhor da Serra, em Belas, quando as moças casadoiras ou casadas de fresco, mas que não concebiam, se sentavam na grande laje do monumento megalítico da Pedra dos Mouros e escorrega-

(7) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. III, p. 526, Lisboa, 1913.

— A. C. Borges de Figueiredo, *Revista Arqueológica*, vol. I, 70 e 72, Lisboa, 1877.

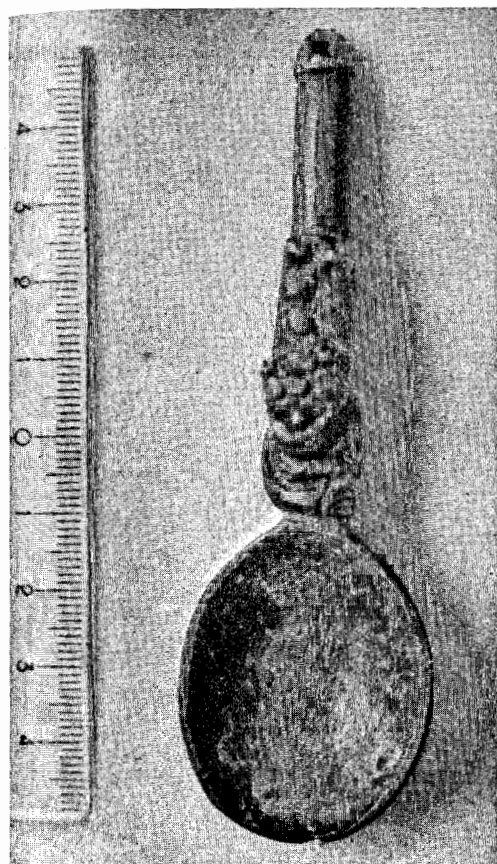
(8) No Museu de S. Dâmaso, em Idanha-a-Velha.

vam por ela abaixo depois de terem tirado as cuecas, se as tinham, com a ideia de que, depois, concebiam. Note-se que este grande esteio tem justamente a forma triangular, que lembra um falo.

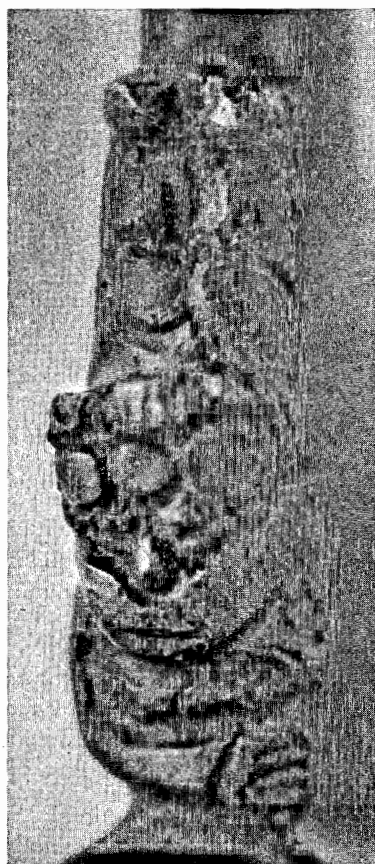
A colher, objecto do nosso estudo, tem as seguintes medidas: comp. total—100 mm; parte côncava da colher—40mm×30mm; comp. da figura—34 mm; comp. do *phallus*—28 mm; comp. da glande—6 mm; larg. da glande—7 mm.

Tanto em museus como em bibliografia não encontramos nada de semelhante à colher agora apresentada. São conhecidas, é certo, algumas colheres, até de prata, para fins medicinais ou litúrgicos. No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia existem, em colecções estrangeiras, algumas colheres de bronze, mas não de tipo votivo.

Pensamos, despretensiosamente, ter trazido mais uma achega, com este objecto, para o conhecimento não só da arte lusitano-romana, mas também para o culto fálico naquela época.



A colher romana?



Ampliação do figurado no cabo